

Citibank não negociará com o Brasil sem programa confiável

MILTON F. DA ROCHA FILHO
GERMANO DE OLIVEIRA

SÃO PAULO — O chairman (principal executivo) do Citibank, John Reed, chega esta semana ao Brasil, onde manterá contatos com autoridades brasileiras, participará da reunião anual para analisar os resultados do banco no País, e dará uma entrevista coletiva à imprensa para revelar detalhes da negociação da dívida externa do México, da qual participou como um dos principais articuladores dos banqueiros. Estas negociações acabaram por conceder ao México uma redução de 35% na dívida de US\$ 54 bilhões com os bancos privados. Dificilmente John Reed vai defender a inclusão do Brasil entre os devedores que merecem vantagens semelhantes às do México. Os banqueiros internacionais se recusam a pensar nessa hipótese enquanto o Brasil não apresentar projetos — que eles considerem



John Reed chega esta semana

satisfatórios — para conter a inflação, reduzir o déficit público e ordenar investimentos em áreas que permitam a retomada do desenvolvimento.

Como principal credor da dívida brasileira, o Citibank vem acompanhando as reivindicações do Gover-

no brasileiro para receber dinheiro novo (US\$ 2,8 bilhões, em pedidos ao FMI e Banco Mundial, principalmente). Sem falar em sugestões de economistas brasileiros, como o ex-Ministro Bresser Pereira, de que o País deveria ter um desconto de 50% de sua dívida com os bancos comerciais. Dirigentes do Citibank mostram que a dívida do Brasil com os bancos comerciais privados é da ordem de US\$ 64 bilhões, sobre os quais o Governo paga juros de 8,8%, o que dá uns US\$ 6 bilhões por ano. Se os bancos credores dessem o desconto de 50%, como desejam os brasileiros, o alívio de caixa representaria US\$ 3 bilhões aproximadamente, o que dá menos de 1% do PIB. A pergunta dos banqueiros, porém, é a seguinte: o que o Brasil vai fazer com os US\$ 3 bilhões? Vai aplicar o dinheiro, indiscriminadamente, ou vai gastar em setores essenciais? Nenhum projeto viável foi apresentado até agora.

A esses banqueiros nem interessa se isso é indispensável, ou não, para o País superar as dificuldades da transição política até o início do Governo que será eleito em novembro próximo. Eles estão mais preocupados com as queimadas na Amazônia — com prejuízos, de extensão ainda não calculada, para toda a ecologia mundial — do que com a transição brasileira. Afinal, os bancos são instituições capitalistas que investirão seu dinheiro onde for mais proveitoso. E, hoje, países como o México são mais viáveis do que o Brasil.

O Citibank, por exemplo, já fez uma provisão contra um eventual atraso de pagamento do Brasil e não conta mais com o dinheiro brasileiro para fechar suas contas. No primeiro semestre do ano, o Citibank encerrou seu balanço mundial com um lucro de US\$ 950 milhões e deverá fechar o ano com um lucro de US\$ 1,9 bilhão, sem contar com dinheiro brasileiro.